

TRADUÇÃO

POSIÇÕES E DISPOSIÇÕES DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA. RETORNO SOBRE O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

POSITIONS AND DISPOSITIONS OF THE SOCIOLOGY OF CHILDHOOD. RETURN ON THE SOCIALIZATION PROCESS

POSICIONES Y DISPOSICIONES DE LA SOCIOLOGÍA DE LA INFANCIA. RETORNO AL PROCESO DE SOCIALIZACIÓN

TRADUÇÃO¹

MARIA AMÁLIA DE ALMEIDA CUNHA²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0233-3883>

IONE RIBEIRO VALLE³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7496-3959>

SIROTA, Régine. "Positions et dispositions de la sociologie de l'enfance- Retour sur le processus de socialisation". In: La différenciation sociale des enfants- Enquêteur "sur" et "dans" les familles. DEPOILLY, Séverine et KAPKO, Séverine. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 2019, p. 30-52.

É no diálogo com o conceito de “socialização” que se construiu a sociologia da infância. Se muitos pesquisadores anglo-saxões⁴ assinalam desde as primeiras linhas de suas obras o quanto essa discussão foi construída, num primeiro momento, pelo questionamento radical de uma concepção de socialização considerada como um fenômeno “hiper-socializado”⁵ – quer dizer, extremamente determinista não deixando nenhuma margem de ação aos atores sociais – no campo francófono, foi numa discussão contínua que foram sendo construídas as diferentes etapas do estabelecimento desse novo campo da sociologia. Cléopâtre Montandon já se interrogava nesses termos teóricos sobre um retorno reflexivo sobre os primeiros anos da sociologia da infância: “Do

¹ Texto original publicado como capítulo de livro:

² Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. Email: amaliacunha@fae.ufmg.br

³ Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Email: ione.valle@ufsc.br

⁴ Allison James et Alan Prout (dir.). **Constructing and Reconstructing Childhood**. Londres: Falmer Press, 1990; William A. Corsaro. **The Sociology of Childhood**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997; Jens Qvortrup, William A. Corsaro et Michael S. Honig. **The Palgrave Handbook of Childhood Studies**. Londres: Palgrave Macmillan, 2009.

⁵ Dennis H. Wrong. The Oversocialized Conception of Man in Modern Sociology. **American Sociological Review**, n. 26, 1961, p. 183-193.

estudo da socialização à sociologia da infância, trata-se de uma necessidade ou de uma ilusão epistemológica⁶?

Desde a emergência da sociologia da infância francófona nos anos de 1990, a questão da socialização da infância é colocada em termos de “fantasma esquecido”⁷ do campo da sociologia da educação ou como “terra desconhecida do sociólogo”⁸. Assiste-se desde então a um desdobramento desta problemática⁹ e ao seu entrecruzamento com as questões próprias a múltiplos campos, é o que testemunha por exemplo a publicação do número dos *Cadernos de gênero* consagrado, alguns anos mais tarde, aos “objetos da infância”¹⁰, considerando-os como um laboratório da identidade de gênero. Desse modo, são postas em evidência e discutidas as múltiplas modalidades da socialização, questão transformada em etapa incontornável e documentada especialmente nos manuais referentes aos estudos de gênero¹¹ ou às idades da vida¹². Procurar-se-á desenhar aqui as diferentes sequências desses estudos.

Dentre muitos dos textos que marcam a análise dessa questão aparece a expressão “a criança ator”. De onde vem esta expressão?

Evidente para alguns, surpreendente para outros, aparentemente paradoxal, esta expressão, que se tornou recorrente, é bastante recente; tentar-se-á aqui retrazar a emergência do ponto de vista de uma socióloga e, mais precisamente, do ponto de vista de uma socióloga da educação que se tornou socióloga da infância, em sublinhar – através da mudança de olhar sobre a criança que esta evolução supõe – os desafios¹³ aí ocultados e apreender as diferentes etapas da construção de uma sociologia da infância francófona.

Pode-se assim tomar como ponto de partida simbólico do questionamento sobre o lugar da infância um discurso pronunciado em 2011 na Academia Francesa, como instância oficial que é, por um filósofo que se interessa muito pela educação, Michel Serres. O discurso se intitula “Polegarzinha, os novos desafios da educação”¹⁴. A análise proposta pode ser considerada como o sintoma de mudança de olhar de uma sociedade sobre a infância e sua relação com a cultura.

Retomando elementos vindos de trabalhos de ciências humanas e sociais, esse discurso pontua com humor e acuidade as mudanças ocorridas na socialização contemporânea e suas consequências sobre o sistema educativo, daí a preliminar colocada por Michel Serres para introduzir e justificar seu propósito: “Antes de ensinar o que quer que seja, a quem quer que seja, é preciso ao menos conhecê-lo. Quem se apresenta hoje na escola, no colégio, no liceu, na Universidade?” Sua reflexão proveniente tanto da filosofia política, quanto dos trabalhos das ciências sociais, reúne um diagnóstico realizado por alguns pesquisadores em ciências sociais, como o historiador Antoine Prost que, desde as primeiras linhas de sua monumental história da educação, texto antigo, mas que já situava a questão, declara: “a crise do ensino é uma crise da socialização”¹⁵.

⁶ Cléopâtre Montandon. De l'étude de la socialisation des enfants à la sociologie de l'enfance: nécessité ou illusion épistémologique”, dans Régine Sirota (dir.). **Éléments pour une sociologie de l'enfance**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006.

⁷ Régine Sirota. L'enfant dans la sociologie de l'éducation, un fantôme ressuscité?. **Revue de l'institut de sociologie de l'Université libre de Bruxelles**, février 1996, p. 147-163.

⁸ Anne Van Haecht. L'enfance: terre inconnue du sociologue. **Bulletin de l'AISLF**, 1990, p. 87-97.

⁹ Régine Sirota. L'enfant acteur ou sujet dans la sociologie de l'enfance: évolution des positions théoriques au travers du prisme de la socialisation, dans Geneviève Bergonnier-Dupuis (dir.), *L'Enfant acteur ou sujet dans la famille*. Paris: Érès, 2005; Régine Sirota (dir.). **Éléments pour une sociologie de l'enfance**, *op. cit.*

¹⁰ Sylvie Cromer, Sandrine Dauphin et Delphine Naudier (dir.). Les objets de l'enfance, **Cahiers du genre**, n. 49.2, p. 5-14, 2010.

¹¹ Laure Bereni, Sébastien Chauvin, Anne Jaunait et Alexandre Revillard (dir.). **Introduction aux études sur le genre**. Bruxelles: De Boeck, 2000.

¹² Cécile Van de Velde. **Sociologie des âges de la vie**. Paris: Armand Colin, 2015.

¹³ Régine Sirota. Sociologie de l'enfance, sociologie de l'éducation, va-et-vient. **Éducation et sociétés**, n° 40, spécial “Vingt ans après, la sociologie de l'éducation francophone dans un univers globalisé (1^{re} partie)”, 2017, p. 105-121.

¹⁴ Michel Serres. **Petite Poucette**. Paris: Le pommier, 2012.

¹⁵ Antoine Prost. L'École et la famille dans une société en mutation (1930-1980), *t. IV: Histoire générale de l'enseignement et de l'éducation en France*. Paris: Nouvelle librairie de France/G.V. Labat, 1981, p. 39.

Essas análises pontuam a importância dessa mudança concernente ao estatuto da criança, assim como ao olhar dirigido sobre ela, o que leva os sociólogos a reconsiderarem as modalidades de sua socialização.

UMA MUDANÇA DE PERSPECTIVA

Aquilo que aparece atualmente como uma evidência não foi somente negligenciado, mas há muito tempo vem sendo objeto de uma outra visão. Essa mudança de perspectiva vem da crítica do conceito de “socialização” tal como a sociologia clássica utilizou durante muito tempo, de maneira explícita ou implícita. É difícil não retomar aqui a definição de infância proposta por Ferdinand Buisson e Émile Durkheim, no famoso *Dicionário da Pedagogia*¹⁶, para compreender como e sobre quais termos se opera a desconstrução do conceito de “socialização”, pois esta definição deixou traços profundos no conjunto da sociologia:

A infância é em tudo caracterizada pela inconsistência própria da sua natureza, que é a lei do crescimento. Ela apresenta ao educador não um ser formado, não uma obra pronta e um produto acabado, mas um devir, um começo de ser, uma pessoa em via de formação. Qualquer ponto do período infantil que se queira considerar, encontra-se sempre na presença de uma inteligência tão frágil, tão frágil, tão recentemente formada, de constituição tão delicada, desfrutando de faculdades tão limitadas e se exercendo por um tal milagre que não se pode impedir de tremer, desde que se pensa nisso, para essa deslumbrante e frágil máquina.

A concepção de infância subjacente a esta definição é a de uma infância frágil, maleável, de um ser a ser formado para um papel futuro. A criança é considerada antes de tudo como um vir a ser. O estado a ser criado parece estar em oposição àquele que é dado como ponto de partida. Isso conduziu, no quadro de uma visão estruturo-funcionalista, a uma análise do trabalho educativo e, geralmente, da socialização como algo que se realiza no seio de instituições como a família ou a escola. Isso leva a direcionar o olhar sobre os adultos responsáveis por essa educação e a desafiar a inconsistência e a maleabilidade da infância.

O que introduziram os sociólogos da infância

Na sequência de alguns trabalhos principalmente de historiadores e de psicólogos – para situar as perspectivas, limitar-se-á aqui a citar como personagens emblemáticos e midiáticos, Philippe Ariès¹⁷ e Françoise Dolto¹⁸ – operou-se uma mudança do olhar das ciências sociais sobre a infância¹⁹. Afirmou-se, na verdade, a necessidade de considerar a infância no presente, a criança como um “*actual being*” e não unicamente um “*future being*”, e de levar a criança a sério, de considerá-la não somente como uma pessoa, mas como um ator ativo na criação do sentido das situações através de suas interações com os adultos e com outras crianças. Não se trata desde então de considerar unicamente o trabalho institucional dos adultos responsáveis pela infância. Essa ruptura se opera considerando:

- *A infância*, como um período da vida específico, uma forma estrutural, quer dizer, um período do ciclo de vida pelo qual passam todos os indivíduos de uma sociedade. Para evitar as ambiguidades, precisemos que a delimitação desse período geralmente adotada é a Convenção

¹⁶ Ferdinand Buisson et Émile Durkheim. *Enfance*, dans Ferdinand Buisson (dir.). **Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire**, 1911 (en ligne) <http://inrp.fr/edition-electronique/lodel-dictionnaire-ferdinand-buisson> (consulté le 16 de avril 2019).

¹⁷ Philippe Ariès. **L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime**. Paris: Seuil, Points, 1960.

¹⁸ Françoise Dolto. **Lorsque l'enfant paraît**. Paris: Seuil, 1977.

¹⁹ Régine Sirota. French Childhood Sociology: un unusual, minor topic or a well-defined field?, dans Doris Bühler-Niederberg et Régine Sirota (dir.). “Marginality and Voice, Children in Sociology and Society”, **Current Sociology**, n. 58.2, 2010, p. 250-271.

Internacional dos direitos da criança, seja de 0 a 18 anos (1989). Mas num contexto em que as idades da vida estão em mutação, marcado além disso pelo prolongamento da vida, o sequenciamento das idades torna-se problemático, levando à impossibilidade de pensar as diferentes idades independentes umas das outras e a uma certa mistura das fronteiras de idade e de seus modos de passagem: precocidade de um lado e prolongamento do outro se conjugam. Daí surge uma primeira série de questões: Quando começa, quando termina a pequena infância, infância, pré-adolescência, adolescência, juventude? Como se fabricam, se entrelaçam e são marcadas essas idades e passagens²⁰? Considerar-se-á aqui, portanto, tanto o bebê a quem se oferece seu primeiro livro para utilizar em seu banho ou seu primeiro livro interativo, ou ainda se leva às oficinas de contação de histórias antes mesmo que saiba ler, como iniciação aos caminhos da leitura, quanto o adolescente mergulhado nos medos do espelho do banheiro.

A infância é considerada como uma forma estrutural, constante, mas variável no tempo e no espaço. No tempo, quer dizer, conforme os períodos históricos: que se pense nos múltiplos modos de fabricação do bebê da nossa sociedade contemporânea. E no espaço, pois a infância se conjuga ao mesmo tempo no plural, seja entre países do Sul e do Norte, nas formas familiares cada vez mais complexas e nas situações de desigualdades longe de terminar.

A infância permanece, portanto, como uma forma estrutural que, apesar das suas mutações, persiste em toda sociedade, e por meio da qual passam obrigatoriamente todos os indivíduos de uma sociedade, como afirma Jens Qvortrup²¹. Mas a infância também está presa numa sociedade em que as fontes do conhecimento e a difusão dos saberes e da cultura se multiplicaram, e suas modalidades de acesso se transformaram profundamente através da internet e das redes sociais.

- *As crianças, como uma categoria social em si* no quadro de uma sociedade que produz uma categoria social marcada pela especificidade do estatuto de “ego paradoxal”, para retomar a expressão da filosofia. Esta reconhecia ao mesmo tempo a fragilidade e a vulnerabilidade da criança exigindo proteção, mas também sua qualidade e seu estatuto de ator social, reconhecido juridicamente, por exemplo pela Convenção dos direitos da criança. Categoria qualificada de “bem raro”²², de “criança do desejo”²³, de “*Priceless Child*”²⁴ sobre a qual é dirigida uma atenção cada vez mais viva, engajando uma verdadeira “paixão da infância”²⁵ e mesmo “um sagrado da infância”²⁶. Figuras da infância principalmente ocidentais, é necessário precisar, que são difundidas e substituídas por organizações internacionais ou múltiplas ONG, introduzindo e recusando outras figuras da infância, como “a infância do desenvolvimento”²⁷, através do estabelecimento de programas de ajuda ao desenvolvimento preso entre dinâmicas transnacionais e pressões locais.

Essa “criança da nação”, como qualificava Martine Segalen, ao se perguntar “a quem pertencem as crianças?”²⁸ é, portanto, uma categoria social objeto de políticas públicas, sejam elas sanitárias, educativas ou culturais, às quais se agregam políticas comerciais postas em prática por indústrias culturais que redefinem as crianças como consumidores culturais, não mais em termos

²⁰ Régine Sirota. Pour une sociologie de l'enfance. Petit objet insolite ou champ constitué, la sociologie de l'enfance est-elle encore dans le choux?, dans Régine Sirota (dir.). **Éléments pour une sociologie de l'enfance**, *op.cit.*; Nicoletta Diasio et Virginie Vinel (dir.). **Corps de préadolescence**. Rennes: Presses Universitaires des Rennes, 2017.

²¹ Jens Qvortrup. Childhood as a social phenomenon revisited, dans Manuela Du Boys-Reymond, Heinz Suenker et Heinz-Hermann Krueger (dir.). **Childhood in Europe, Approaches Trends, Findings**, New York: Peter Lang, p. 13-34, 2001.

²² Ulrich Beck. **La société du risque** (1986). Paris: Albo/Aubier, 2001.

²³ Alain Renault. **La Libération des enfants. Contributions philosophiques à une histoire d'enfance**. Paris: Bayard, 2002; Marcel Gauchet. “L'enfant du désir”. **Le Débat**, n. 132, “L'enfant problème”, 2004, p. 98-121.

²⁴ Viviana Zelizer. **Pricing the Priceless Child**. Princeton: Princeton University Press, 1985.

²⁵ Laurence Gavarini. **La passion de l'enfance**. Paris: Denoël, 2001.

²⁶ Jean-Hugues Déchaux. Le sacre de l'enfant, regards sur une passion contemporaine. **Revue Française de sociologie**, n. 3, vol. 55, 2014, p. 537-561.

²⁷ Charles-Édouard De Souremain et Doris Bonnet. L'enfant dans l'aide internationale. Tensions entre normes universelles et figures locales. **Autrepart**, n. 72, 2014, p. 3-21.

²⁸ Martine Segalen. **A qui appartient les enfants?** Paris: Tallandier, 2010.

de democratização cultural, mas em termos de alvo de marketing. Este último se dirige cada vez mais diretamente à criança como categoria social específica, acentuando deliberadamente os efeitos de segmentação em termos de idade e de gênero.

O trabalho de transmissão cultural encontra-se portanto dividido entre um número de atores sociais bastante importante, num período em que é preciso assegurar a manutenção das taxas de natalidade nos países desenvolvidos ou controlá-las em outras regiões do mundo, e em que a generalização do trabalho das mulheres obriga a repensar o *cuidado* e sua repartição entre as diferentes categorias sociais vulneráveis e entre todas as idades da vida; é o que nos lembra Gösta Esping Andersen na sua segunda lição sobre o Estado-Providência²⁹, em sua bela fórmula mais do que nunca atual: “A reforma da previdência começa pelos bebês”.

Esse período da vida durante o qual todo indivíduo é obrigado a se formar, durante o qual se exercem “o ofício de criança” e o “ofício de aluno”, ligado à uma escolarização obrigatória cada vez mais longa, assim como o ofício de “consumidor cultural”³⁰, próprio à modernidade, conjuga exigências paradoxais de precocidade e de prolongamento de sua dependência.

- *A criança, como um sujeito*. Isso leva à uma experiência social bastante particular entre descoberta do mundo, transmissão e apropriação, colocando em jogo passado, presente e futuro, experiência que o sociólogo não considera mais como da alçada somente da psicologia e marcada por etapas imutáveis³¹. A criança é cada vez mais considerada como um “pequeno indivíduo”, sendo preciso compreender as provações de formação de si, num período marcado por uma certa desinstitucionalização e, para os sociólogos do individualismo, pela conquista de autonomia cada vez mais precoce³² num contexto muito mais complexo, que alimenta incertezas e riscos. Trata-se de apreender sua capacidade de ação, sua *agency*, quer se situe nos termos de uma sociologia anglo-saxã ou se situe nos termos da sociologia francesa, de considerá-la como um “ator”, quer dizer, de considerar como se constitui o “ofício de criança”, ao mesmo tempo na sua especificidade e nas suas variações.

Consequência: levar a infância a sério

A concepção de um processo de socialização unívoco não é mais aceitável se a criança for considerada como um ator. Ela não é mais considerada como passiva; é um ser no presente que se trata de levar em conta na multiplicidade dos contextos de sua socialização. Não simplesmente numa oposição dicotômica entre presente e futuro de um ser concebido unicamente conforme o seu desenvolvimento, mas na dimensão de um passado e de um futuro, como nos lembra um dos fundadores da sociologia da infância, Alain Prout³³. Trata-se, portanto, de levá-la a sério, não somente com sua capacidade de agir, sua *agency*, como também de levar em conta o que sua presença produz como efeitos e consequências na própria construção do seu processo de socialização. Assim, o termo *agency* é dificilmente traduzível em francês³⁴. Para caracterizar essa capacidade de agir, a noção foi com frequência transposta na sociologia francófona, através do termo “criança ator”, ou pela noção “ofício de criança” (retomando a expressão de Pauline Kergomard que se tornou clássica após o artigo de Jean-Claude Chamboredon e Jean Prévost³⁵). Essa capacidade de ação foi progressivamente posta em evidência pelas diferentes correntes

²⁹ Gösta Esping-Andersen et Bruno Palier. *Enfants et Égalités des chances*. Deuxième leçon. **Trois leçons sur l'État-providence**, Paris: Seuil, La République des idées, 2008, p. 59-104.

³⁰ Sylvie Octobre (dir.). **Enfance et Culture, transmission, appropriation et representation**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication, 2010.

³¹ Cléopâtre Montandon. **L'Éducation du point de vue des enfants**. Paris: L'Harmattan, 1997.

³² François de Singly. *Enfants, Adultes*. Vers une égalité de statut? Paris: Universalis, 2004; Olivier Galand. Une nouvelle classe d'âge? **Ethnologie française**, n. 1, vol. 40, 2010, p. 5-10.

³³ Alain Prout. **The Future of Childhood**. London: Routledge Falmer, 2005.

³⁴ Régine Sirota. De l'indifférence sociologique à la difficile reconnaissance de l'effervescence culturelle d'une classe d'âge, dans Sylvie Octobre (dir.). **Enfance et culture, transmission, appropriation et representation**, *op.cit.*

³⁵ Jean-Claude Chamboredon et Jean Prévost. Le métier d'enfant. **Revue française de sociologie**, n. 3, 1973, p. 295-335, dans Paul Pasquali. **Jean-Claude Chamboredon. Jeunesse et classes sociales**. Paris: rue d'Ulm, 2015.

teóricas que contribuíram para um retorno geral do ator na sociologia francófona, do interacionismo ao individualismo, passando pelo construtivismo.

Alguns princípios parecem comuns entre sociologia da infância anglófona e francófona. Clépâtre Montandon assim os resume em 1998³⁶:

- a infância é uma construção social;
- a infância é variável e não pode estar separada de outras variáveis como a classe social, o sexo e o pertencimento étnico;
- as relações sociais das crianças e suas culturas devem ser estudadas em si mesmas;
- as crianças devem ser estudadas como atores na construção da sua vida social e da vida dos que a rodeiam;
- os métodos etnográficos são particularmente úteis para esse tipo de estudos.

Se se leva, portanto em conta, ao mesmo tempo a infância como forma estrutural, as crianças como categoria social e essa *agency*, então o esquema se complica e esses deslocamentos de raciocínio introduzem uma série de variações.

PRIMEIRA VARIAÇÃO. SOCIALIZAÇÃO INTERPRETATIVA E SOCIALIZAÇÃO VERTICAL INVERTIDA

O sociólogo não pode mais permanecer nos quadros institucionais e nas cenas principais. É preciso apreender esta *agency* e procurar identificar as consequências dessa capacidade de agir. Trata-se de tentar compreender a maneira como se modificam as relações sociais e de poder nas quais elas intervêm, modificando os parâmetros da situação.

Ao esquema vertical de socialização, a sociologia da infância vai opor e fazer suceder a visão de uma “socialização interpretativa” ou “reprodução interpretativa” – conforme a expressão do sociólogo americano William Corsaro³⁷ –, nela a criança aparece não mais como uma tábula rasa, mas como um ator, um verdadeiro parceiro de seu processo de socialização. Pois as crianças são atores sociais, que participam das trocas, das interações, dos processos de ajustamentos constantes que animam, perpetuando e transformam a sociedade. As crianças têm, de acordo com essa definição, uma vida cotidiana que não pode ser reduzida à dos quadros instituídos, seja qual for a instituição ou a situação investigada. Sociólogos e antropólogos da medicina, como Alan Prout ou Myra Bluebond Langner, vão estar entre os primeiros a reconhecer isso, mostrando o quanto a ação da criança contribui para a manutenção da situação, por exemplo no quadro hospitalar. O trabalho que se tornou clássico da antropóloga Myra Bluebond Langner, *The Private Worlds of Dying Children*³⁸, a propósito de crianças com leucemia e sobre a maneira como elas decodificam o mundo social que as envolve no hospital, coloca em evidência o trabalho social produzido pelas crianças para controlar a situação, trabalho que também permite aos adultos, pais, enfermeiras e médicos cuidar delas. É através da decodificação que as crianças fazem da situação, de sua interpretação do sentido dos exames e dos tratamentos, dos choros que se dissimulam ou dos presentes que se tornam muito numerosos, e enfim é através da atitude de “fingimento mútuo” (em relação à saída fatal) que elas adotam junto com os adultos, que se mantém a ordem social do hospital. É, portanto, a capacidade de agir das crianças que contribui para controlar a situação.

Paralelamente ao movimento de retorno do ator da sociologia geral, a criança é aqui conceitualizada como um ator integral, o processo de socialização sendo considerado num primeiro

³⁶ Clépâtre Montandon. La sociologie de l'enfance anglophone. *Éducation et sociétés*, n. 2, 1998, p. 91-118.

³⁷ William A. Corsaro. *The Sociology of Childhood*. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.

³⁸ Myra Bluebond Langner. *The Private Worlds of Dying Children*. Princeton: Princeton University Press, 1980.

tempo a partir das teorias do interacionismo simbólico e das tradições interpretativas e fenomenológicas³⁹.

Não há mais aqui simplesmente uma visão da socialização como uma transmissão vista como inculcação de valores e de normas de uma geração a outra e como transmissão de um patrimônio, mas uma percepção da criança como um ator, como um “ser no presente”, engajado numa troca entre gerações. Não estamos mais num esquema vertical descendente. Há um ir e vir e mesmo uma reversibilidade do processo de socialização, que coloca em questão o papel e o estatuto da geração responsável pelo processo de socialização, uma vez que “ofício de criança” e “ofício dos pais” se constroem em paralelo. “Socialização” e “parentalidade” seguem juntas, conceituadas em termos de processos contínuos e interdependentes. A concepção de uma transmissão vertical intergeracional pode ser radicalmente interrogada. Pois a relação intergeracional é questionada, a relação de autoridade se modificou, a negociação parece uma das formas mais importantes, sejam quais forem as declinações. Assim, um grande número de trabalhos fazendo referência aos usos da internet⁴⁰ demonstra que não são simplesmente os adultos que introduzem a criança nas novas tecnologias e nos usos da internet, mas os membros de sua própria geração (irmãos e colegas) e que são frequentemente as crianças que são as iniciadoras das novas tecnologias na célula familiar. Conforme os meios sociais, a relação intergeracional varia: assim, nos meios favorecidos, em que a internet faz parte dos usos profissionais e pessoais dos adultos, são com mais frequência os adultos que introduzem, facilitam e supervisionam esse uso, enquanto nos meios populares, é a criança que se torna com frequência iniciadora desse uso. Nessa inversão da relação educativa, coloca-se particularmente em evidência o peso da “agency” e, portanto, seu papel como alavanca potencial da mudança social.

SEGUNDA VARIAÇÃO: SOCIALIZAÇÃO HORIZONTAL E GRUPO DE PARES

O fato de levar em conta práticas infantis e juvenis vai rapidamente introduzir outra visão de socialização desta etapa da vida, não mais em termos de socialização vertical, mas em termos de socialização horizontal, na qual o grupo de pares, o entre-crianças, além dos fenômenos geracionais, ganham cada vez mais importância na visão do sociólogo. Para analisar essa socialização, o sociólogo não vai mais explorar simplesmente a cena principal, como dizia Goffman, mas também o que se considerava como bastidores onde se desenvolvem essas sociabilidades. Em outros termos, passa-se:

- da sala de aula não somente à recreação, mas igualmente aos tempos de lazer para compreender esse novo consumidor cultural;
- da sala onde ficava a televisão familiar e se reagrupava a família ao “quarto da criança”, onde a criança aparentemente solitária navega numa pluralidade de mundos sociais;
- da sala de refeições aos *fast-foods*, onde se experimentam e são compartilhados outros patrimônios culinários e outras normas de convivialidade e de partilha;
- da biblioteca ao supermercado, onde se difunde uma cultura material que fornece os elementos de uma cultura de massa;

³⁹ Régine Sirota. L'émergence d'une sociologie de l'enfance, évolution de l'objet, évolution du regard. **Éducation et sociétés**, n. 2, 1998, p. 9-33; Régine Sirota. L'enfant acteur ou sujet dans la sociologie de l'enfance: évolution des positions théoriques au travers du prisme de la socialisation, dans Geneviève Bergonnier-Dupuis (dir.). **L'Enfant acteur au sujet dans la famille**, *op.cit.*

⁴⁰ *C.f.* dentre outros, os trabalhos da equipe de Ana Nunes de Almeida sobre a introdução e a difusão do programa Magellan em Portugal, programa que visa, para preencher o fosso tecnológico, a distribuição de um computador a um conjunto de alunos). Ana De Almeida, Ana Delicado et Nuno Almeida Alves. “Les enfants et internet à la maison: familles et rapports générationnels en mutation”. **Revue Internationale de l'éducation familiale**, n.37, 2015, p. 17-37.

- do jogo de amarelinhas ou de bolas de gude do pátio de recreação às partidas de futebol no térreo do imóvel ou na esquina da rua, onde se experimentam e são postos à prova múltiplos pertencimentos de faixa etária e de identidade de gênero.

Essas mudanças de olhar levam a um reconhecimento de formas de sociabilidade próprias às sociedades infantis e juvenis e, portanto, ao reconhecimento da criança como ator coletivo com suas próprias formas culturais. Estas introduzirão outras formas de transmissão. Das práticas legítimas às práticas ditas ilegítimas, da cultura paralela às práticas geracionais, não há mais simplesmente transmissão vertical, mas uma transmissão horizontal no nível do grupo de pares.

É a partir da análise dos processos culturais que sociólogos das mídias, sociólogos da cultura e especialistas dos *Cultural Studies* exploram as novas práticas e os novos mundos sociais nos/através dos quais os jovens se encontram e vão ao encontro da tribo dos nativos digitais. Alguns, como Dominique Pasquier retomando a expressão de Hannah Arendt, chegam até mesmo a falar de “tirania da maioria”⁴¹, interessando-se pelos mundos sociais do adolescente – ou mais precisamente pela entrada na adolescência – através do uso da internet ou pelos novos ritos de passagem e do telefone celular⁴². Outros mobilizam a noção de “cultura do quarto”, amplamente utilizada pelos anglo-saxões, tal como Sonia Livingston⁴³, e retomada mais recentemente pelos sociólogos francófonos.

No mundo anglo-saxão, o interesse por esta questão frequentemente acompanha o que os sociólogos chamam “um pânico moral” diante do medo de perda de controle dos universos culturais da infância. Se, para protegê-lo dos perigos da rua e da vida moderna citadina, a criança se encontra cada vez mais confinada no espaço do quarto, paradoxalmente seu universo claramente se estendeu muito mais através das múltiplas explorações que permitem a internet e as redes sociais⁴⁴. O espaço-tempo da infância se modificou profundamente, daí a interrogação do sociólogo mexicano Nestor Canclini: “As crianças farão suas principais experiências formadoras em casa, na escola ou no quadro do ambiente urbano, ou a partir de agora vão adquiri-las no YouTube e nas redes sociais⁴⁵?”

Trata-se, portanto, de compreender como se constroem essas culturas infantis, como se dividem essas culturas da infância e como se difundem essas culturas geracionais. Novos questionamentos emergem, complexificando ou rediscutindo as hierarquias culturais. Às análises se posicionando face a uma cultura considerada pelo alto, em termos de reprodução e de *habitus* ou de capital cultural, que discute o estatuto das culturas populares, sucedem análises do ecletismo cultural⁴⁶ desses indivíduos plurais que se movem por diferentes cenas, nas quais constituem seus códigos culturais através de múltiplas caças culturais. Nesse tipo de análise que considera os processos culturais a partir de baixo, quer dizer, fora das hierarquias culturais, outras dimensões de análise são reintroduzidas, nas quais se misturam a diversão, o lúdico, o faz de conta. O sistema das legitimidades se mistura, o peso do grupo de pares e o peso da variável geração ganham cada vez mais importância – quer se considere a educação dita formal ou informal. Torna-se indispensável conjugá-los à complexidade da construção das identidades de gêneros e de classes. Atribuindo importância aos comportamentos econômicos e culturais dessa faixa etária, enquetes quantitativas longitudinais, como as conduzidas pelo Ministério da Cultura sob a direção de Sylvie

⁴¹ Dominique Pasquier. **Cultures lycéennes. La tyrannie de la majorité.** Paris: Autrement, 2005.

⁴² Céline Metton-Gayon. **Les adolescents, leur téléphone et internet.** Paris: L’Harmattan, 2009.

⁴³ Sonia Livingston. From Family Television to Bedroom Culture: Young People’s Media at Home, dans Eoin Devereux (dir.). **Media Studies. Key Issues and Debates.** Londres: Sage, 2007, p. 302-321.

⁴⁴ Régine Sirota. Les métiers de l’enfant à l’âge d’internet, métier d’enfant, métier d’élève, dans Ana Nunes de Almeida (dir.). **Childhood, Children and the Internet. Challenges for the Digital Age.** Lisbonne: Fondation Calouste Gulbenkian, 2012, p. 139-156.

⁴⁵ Nestor Garcia Canclini. Les enfants: entre la ville et le réseaux, dans Sylvie Octobre et Régine Sirota (dir.). **L’enfant et ses cultures, approches internationales.** Paris: Ministère de la Culture et de la Communication/La Documentation Française, 2013, p. 159-178.

⁴⁶ Philippe Coulangeon. Classes sociales, pratiques culturelles et styles de vie. Le modèle de la distinction est-il obsolète? **Sociologie et sociétés**, vol. 36, n. 1, 2004, p. 59-85.

Outubro sobre as práticas culturais, reintroduzem a infância como categoria social digna de ser objeto dos números, de sair da invisibilidade estatística e de enfim fazer parte do *homo statisticus*⁴⁷. Permitindo enfim dispor a propósito dessa faixa etária de dados estatísticos de conjunto cada vez mais refinados, essas enquetes reintroduzem o peso da variável geração e rediscutem o peso das variáveis clássicas, tais como o pertencimento social ou de gênero, face aos usos e aos objetos das indústrias culturais, para se interrogar sobre a infância dos lazeres⁴⁸.

Serão, portanto, colocadas em evidência as mutações das culturas da infância através dessas culturas midiáticas em convergência, que misturam, nas novas configurações, os objetos tradicionais da infância, como a literatura infantil, às tecnologias midiáticas mais modernas, em novos espaços e em novos calendários de consumo cultural. Pode-se tomar como exemplo aqui produtos derivados de Harry Potter que, no primeiro livro, associam filmes, jogos e disfarces, numa infinita declinação dessa cultura em convergência, como analisa Henry Jenkins⁴⁹, ou o que Gilles Brougère⁵⁰ chama de “roda cultural” a propósito de brinquedos como Barbie ou Pokemon.

TERCEIRA VARIAÇÃO. SOCIALIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE SI, UM PEQUENO INDIVÍDUO FACE AO PUZZLE MODERNO DA TRANSMISSÃO

A construção de si durante a infância está submetida a uma colocação em forma social específica da modernidade, que complexifica e multiplica os atores da socialização e, paradoxalmente, remete a criança para si mesma. Certamente o sociólogo considera a criança como um ator social, mas presa em formas estruturais que contribuem para a construção da sua *agency*. A infância é assim considerada como presa numa sociedade de mercado, que se dirige com predileção à criança consumidora e, especificamente, à criança prescritora. Assim, a infância não é mais simplesmente um *go-between* presa num face a face entre instituições educativas e culturais, nas quais são transmitidos normas e valores – seja a família ou a escola, a biblioteca e o museu –, mas inserida no meio de uma sociedade de consumo em que se multiplicam os modos e as fontes de transmissão de valores e normas, seja pelas mídias ou pela publicidade. Multiplicações das tensões e das contradições caracterizam, portanto, essa socialização, que vai ao lado de uma desinstitucionalização⁵¹. Não estamos mais simplesmente num esquema vertical ou horizontal, mas no centro de um puzzle de formas de referência, no interior do qual se constroem a experiência cultural e social da criança e sua individualidade. Multiplicam-se, portanto, as possibilidades de socialização, enquanto se complexifica a construção das disposições desse pequeno indivíduo “plural”⁵².

Não se pode, com efeito, simplesmente considerar a criança ou o adolescente a partir de uma visão dicotômica que oporia à imagem da criança vulnerável e alienada, vítima de um mercado sem escrúpulos e fora de controle, à da criança super-herói, ator autônomo de suas escolhas, hábil desconstrutor das armadilhas do mercado e da publicidade. Passamos à uma visão muito mais complexa, em que o consumo infantil é visto ao mesmo tempo como um contexto e uma prática social em interação sutil com esse contexto. “As significações ligadas aos bens de

⁴⁷ Sylvie Octobre. **Les Loisirs culturels de 6-14 ans**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication, 2004.

⁴⁸ Sylvie Octobre, Christine Détrez, Pierre Mercklé et Nathalie Berhommier. **L’Enfance des Loisirs**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication, 2010; Sylvie Octobre et Régine Sirota (dir.). **Enfance et cultures sur le regard de sciences sociales**. Actes du colloque internationale, 9^{es} journées de sociologie de l’enfance, Paris: Ministère de la Culture et de la Communication/Association Internationale des sociologues de langue française/Université Paris Descartes, 2011 (en ligne): <http://culture.gouv.fr/Thematiques/Etudes-et-statistique/L-actualite-du-DEPS/Actes-du-colloque-Enfance-Culture-2010> (consulté 19 avril 2019); Sylvie Octobre et Régine Sirota. L’enfance au prisme de la culture: approches internationales, dans Sylvie Octobre et Régine Sirota (dir.). **L’enfance et ses cultures, approches internationales**, op.cit.

⁴⁹ Henri Jenkins. **The Children’s Culture Reader**. New York: University Press, 2005.

⁵⁰ Gilles Brougère (dir.). **La Ronde des jouets**. Paris: Autrement, 2009.

⁵¹ François Dubet. **Le Déclin de l’institution**. Paris: Seuil, 2002.

⁵² Bernard Lahire. **L’Homme pluriel**. Paris: Fayard, 1998.

consumo são ao mesmo tempo impostas às crianças, à infância e aos seus universos sociais e utilizadas pelas crianças como recursos que lhes permitem criar-se a si mesmas⁵³, como demonstram os sociólogos do consumo e das mídias Dan Cook⁵⁴ ou David Buckingham⁵⁵. A familiarização com os bens de consumo, com os bens culturais se faz através dos próprios usos nos diferentes grupos sociais e por processos de reapropriação individual.

Tal experiência social é certamente específica da infância, mas também comum à do indivíduo moderno, incerto, que muitos sociólogos definem como devendo produzir-se por si mesmo. Injunção que, se se aplica ao adulto, vale ainda mais para a criança. Pois o específico do “ofício de criança” é ter de produzir-se a si mesma como membro de nossas sociedades modernas, mas também a partir de um estatuto particular, o de “igual paradoxal”, como discute a filosofia política e como confirme e produz ao mesmo tempo o direito contemporâneo. Pois se a criança é desde então considerada como igual aos adultos que a criam e a educam, é esse igual paradoxal que tem necessidade deles para ser o que é⁵⁶; assim ela se encontra presa numa tensão entre desabrochamento e desenvolvimento de si⁵⁷, em que as crianças se formariam por si mesmas através de provocações, numa educação que se tornaria em grande medida lúdica⁵⁸.

A ênfase é, portanto, colocada sobre o lugar e a variação dos comportamentos culturais na apresentação de si, para si e para o outro, desses pequenos indivíduos plurais. Intervêm aqui ecletismo e privatização das práticas, individualização da constituição dos gostos e das preferências culturais, sem esquecer da diversidade e das desigualdades. Como afirmam muito claramente Jens Qvortrup, William A. Corsaro e Michel S. Honig, no seu manual *The Palgrave Handbook of Childhood Studies*⁵⁹, trata-se aqui de apreender a infância no quotidiano, a infância banal, comum, e não a infância de laboratório ou a infância patológica, objeto de atenção e de políticas particulares. Não se trata também de direcionar as normativas do desenvolvimento da criança. Apesar disso, não se trata de colocar de lado as condições de vida estruturais, ao contrário, é preciso abordá-las em seus efeitos estruturais cotidianos, produtores de desigualdades e diferenciações sociais, sejam elas de classes, de raças, de gênero, de etnias de idades ou de desvantagens. Isso, num mundo globalizado onde, face às migrações e a um consumo generalizado, se complexifica a unidade do Estado-nação que não parece ser mais a única escala de análise pertinente.

Que se interrogue sobre os objetos da infância em termos de perpetuação e de acentuação dos estereótipos ou de mutações das práticas e das representações, a fábrica do gênero se encontra igualmente interrogada a partir dessas explorações, da mutação dessas atribuições e dessas transgressões.

Poder-se-á citar aqui o belo trabalho de etnografia de longa duração *Unequal Childhoods*, desenvolvido por Annette Lareau⁶⁰, que trata das desigualdades da infância nos Estados Unidos enfatizando tanto as diferenças de raça quanto as de classe. A autora aborda o nível da vida cotidiana numa perspectiva bourdieusiana, distinguindo dois modelos de socialização – *the accomplishment of natural growth*, e *the concerted cultivation* – e os relaciona aos contextos socioculturais nos quais as crianças crescem. Pois a perspectiva da diversidade vista através das diferenças étnicas

⁵³ David Buckingham. Repenser l'enfant consommateur, nouvelles pratiques, nouveaux paradigmes, dans Sylvie Octobre et Régine Sirota (dir.). **L'enfant et ses cultures, approches internationales**, *op. cit.*, p. 78.

⁵⁴ Dan Cook. La notion de 'culture' dans la culture de consommation des enfants, dans Sylvie Octobre et Régine Sirota (dir.). **L'enfant et ses cultures, approches internationales**, *op.cit.*

⁵⁵ David Buckingham. Repenser l'enfant consommateur, nouvelles pratiques, nouveaux paradigmes, *op. cit.*

⁵⁶ Alain Renault. **La Libération des enfants. Contribution philosophique à une histoire de l'enfance**, *op.cit.*

⁵⁷ François De Singly (dir.). **Enfants, adultes. Vers une égalité de statuts?** Paris: Universalis, 2004.

⁵⁸ Anne Barrère. **L'Éducation Buissonnière, quand les adolescents se forment par eux-mêmes**. Paris: Armand Colin, 2011.

⁵⁹ Jens Qvortrup, William A. Corsaro et Michel S. Honig (dir.). **The Palgrave Handbook of Childhood Studies**, *op. cit.*

⁶⁰ Annette Laureau. **Unequal Childhoods**. Berkeley: University of California Press, 2003.

é uma perspectiva admitida sem dificuldades no mundo anglo-saxão. Assim, Allison Pugh⁶¹, estudando as crianças que se diferem do ícone da criança branca das classes médias, dedica-se à diversidade das infâncias. Classe social, raça e gênero vêm complexificar a análise. Não se trata aqui de justapor simplesmente desigualdade racial ou social ou de gênero para apreender a interseccionalidade, mas de compreender o que as crianças fazem dessas desigualdades, como elas afrontam o mundo através delas. Quais são suas experiências, suas representações, as significações que lhes atribuem, como delas se servem, como as negociam? etc. Esse questionamento a leva a colocar em evidência a maneira como as crianças não brancas, de baixos rendimentos, da periferia de Oakland utilizam com sutileza a cultura do consumo, na forma do que ela chama de “uma cultura da dignidade”, para gerenciar as diferenças sociais e construir ao mesmo tempo laços sociais entre crianças, entre crianças e adultos e ressignificar as diferenças de gênero e de classes.

Do mesmo modo, muitos trabalhos oriundos do *Gender Studies* redescobriram a infância como um laboratório da identidade de gênero, pois, seja na intimidade do banheiro, sobre os tapetes de jogos das salas da creche ou através do exibicionismo do pátio de recreação, se elaboram, através das transformações corporais, da aprendizagem do fazer-se notar e do uso dos objetos da infância, os atributos das identidades e das relações de gênero, seja dos meninos pequenos ou das meninas pequenas. A multiplicidade e a intensidade desses trabalhos permitiram à Claudia Mitchell e Jacqueline Reid Walsh, coordenar um inventário moderno – se não pós-moderno – por meio de uma bela enciclopédia da cultura das meninas⁶². Ao se interrogar sobre os objetos da infância em termos de perpetuação e de acentuação dos estereótipos ou de mutações das práticas e das representações, a fábrica do gênero também é questionada a partir dessas explorações, da mutação dessas atribuições e dessas transgressões.

Introduzir a infância no questionamento sociológico permite, portanto, colocar de maneira dinâmica a questão da socialização e, por exemplo, a questão das disposições culturais no sentido mais amplo, esclarecer calendários diferenciados e melhor compreender o agenciamento dos sexos e a movimentação de suas fronteiras e sua articulação com as diferenças sociais, sejam elas de classes ou étnicas.

QUARTA VARIAÇÃO. UMA SOCIALIZAÇÃO EM REVERBERAÇÃO

Ao lado das representações e das práticas dos atores, a fabricação social da infância também se apoia sobre discursos eruditos e teorias científicas. Assim, socialização e transmissões se constroem no espelho de suas próprias produções, nos jogos de traduções e de reverberações que passam de uma esfera social à outra: da esfera pública e política à esfera privada, da esfera científica à esfera midiática, da esfera midiática à esfera privada⁶³. Esses jogos se encarnam em discursos ou dispositivos de formação, na formação do pessoal docente, da ação social ou do pessoal hospitalar, ou mesmo nos dispositivos arquiteturais que modelam quadros de vida ou objetos da cultura material⁶⁴.

Tomar-se-á aqui a título de exemplo a socialização alimentar, pois esta se tornou um objeto de atenção dos sociólogos francófonos, mas também de vigilância e de crenças sociais que enfatizam particularmente a complexidade das condições de socialização das crianças. Esse campo se reconstrói no entrecruzamento de diferentes olhares⁶⁵. Pois a educação alimentar se encontra

⁶¹ Allison Pugh. *Distinction, Boundaries or Bridges? Children, Inequality and the Uses of Consumer Culture*. **Poetics**, vol. 39.1, 2011, p. 1-18.

⁶² Claudia A. Mitchell et Jacqueline Reid-Walsh (dir.). **Girl Culture**. Londres: Greenwood Press, 2007.

⁶³ Régine Sirota. *Les figures de l'enfance, de la sphère médiatique à la sphère scientifique*, dans Louise-Hamelin Brabant et André Turmel (dir.). **Les figures de l'enfance, un regard sociologique**. Québec: Presses Universitaires, 2012, p. 1-10.

⁶⁴ Marta Gutman et Ning De Coninck Smith (dir.). **Designing Modern Childhoods. History. Space and the Material Culture of Children**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2008.

⁶⁵ Séverine Gojard. *L'alimentation dans la prime enfance, un révélateur des modèles de l'enfance dans la France contemporaine*, dans Doris Bonnet, Catherine Rollet et Charles- Édouard de Suremain (dir.). **Modèles d'enfances**

presa na tensão entre discursos paradoxais oriundos de diferentes esferas: entre slogans e campanhas publicitárias incitando o consumo, centrados no divertimento e no prazer, e políticas sanitárias tentando difundir prescrições nutricionais e mensagens sanitárias para lutar contra a obesidade infantil. Daí esses slogans do PNSS (Plano Nacional Nutrição Saúde), dedicados simultaneamente ou sucedendo imediatamente às mensagens publicitárias do agroalimentar a favor daquilo que se qualificava comumente como *junk-food*: “Comer 5 frutas e legumes por dia”, “Comer e se movimentar”, “Para sua saúde, evite beliscar entre as refeições”, etc. Do mesmo modo, a literatura infantil recusa as figuras da gulodice e do controle do corpo⁶⁶, construindo modelos particularmente normativos, que atribuem frequentemente às meninas o controle de sua linha e de seus desejos e aos meninos a satisfação de sua saciedade. Ora, as crianças adotam e rejeitam suas práticas alimentares não somente no contexto de uma sociedade de consumo, mas também no de uma sociedade de pares que fabricaria seus próprios códigos, regras e práticas. Elas estão inseridas em verdadeiros quadros vivos onde se acotovelam colegas e companheiros certamente, mas também pais, avós, professores, animadores de cantinas, vizinhas e vizinhos, irmãs, irmãos mais velhos, multiplicando os diferentes códigos e os próprios usos nesses diferentes círculos sociais. As práticas alimentares da infância são rejeitadas nessas diferentes cenas sociais num entrelaçamento complexo, que multiplica as variações. Caleidoscópio que conjuga os desgostos ligados à cantina com as delícias nostálgicas dos pratos tradicionais da mesa da avó, e até mesmo os sabores do kebab compartilhados na rua entre colegas⁶⁷. Encontram-se assim conjugadas atribuições de posições sociais, como idade e gênero, e mesmo atribuições étnicas, nas suas infinitas sutilezas entre posições estatutárias e posições eletivas. Pois preferências e gostos resultam de histórias individuais e coletivas nas quais muitas dimensões identitárias se colocam na cena pública ou se protegem e se dissimulam no interior da cena privada das guloseimas clandestinas⁶⁸.

Isso quer dizer o quanto compreender a socialização da criança leva a multiplicar olhares e cenas para apreender a complexidade e as contradições, assim como as convergências, a fim de articular tanto socialização no cotidiano quanto políticas sociais ou discursos de *experts*, é o que tenta precisamente fazer a sociologia da infância.

REFERÊNCIAS⁶⁹

ALMEIDA, Ana de; DELICADO, Ana; ALVES, Nuno Almeida. Les enfants et internet à la maison: familles et rapports générationnels en mutation. **Revue Internationale de l'éducation familiale**, n. 37, 2015, p. 17-37.

ARIÈS, Philippe. **L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime**. Paris: Seuil, Points, 1960.

BARRÈRE, Anne. **L'Éducation Buissonnière, quand les adolescents se forment par eux-mêmes**. Paris: Armand Colin, 2011.

successions, transformations, croisements. Paris: Éditions des archives contemporaines, 2012, p. 127-140; Anne Dupuy. La socialisation alimentaire de l'enfant: du désintérêt à sa conceptualisation en sociologie, dans Louise Hamelin-Brabant et André Turmel (dir.). **Les figures de l'enfance d'hier à aujourd'hui. Continuité, discontinuité, rupture, traduction**. Québec: Presses interuniversitaires, 2012, p. 333-348.

⁶⁶ Doriane Montmasson. **La Réception de la littérature de jeunesse pour les enfants. Une fenêtre ouverte sur le processus de socialisation**, thèse de doctorat, Université Paris Descartes, 2016.

⁶⁷ Jean-Pierre Carbeau (dir.). Nourrir de Plaisir. **Cahiers de l'OCHA**, n. 12, 2008; Nicoletta Diasio; Anne Hubert et Véronique Pardo (dir.). Alimentations adolescentes en France. **Cahiers de l'OCHA**, n. 14, 2010.

⁶⁸ Louis Marthiot et Nicoletta Diasio. Rois, volcans et champs de bataille. Devenir enfant, devenir adulte au miroir des jeux avec la nourriture, dans Gilles Brougère et Inès de la Ville (dir.). **Les Cahiers de l'OCHA**, n. 16. On ne joue pas avec la nourriture! Enfance, divertissement, jeu et alimentation: entre risques et plaisirs, 2012, p. 111-121; Aurélie Maurice. **L'Adolescent comme ressort de l'action publique sur les familles. L'exemple de l'éducation alimentaire**, thèse de doctorat, Université Paris Descartes, 2014.

⁶⁹ Item acrescentado ao original pelas tradutoras com o objetivo de sistematizar as referências apresentadas em notas de rodapé.

- BECK, Ulrich. **La société du risque** (1986). Paris: Albo/Aubier, 2001.
- BERENI, Laure; CHAUVIN, Sébastien; JAUNAIT, Anne; REVILLARD, Alexandre (dir.). **Introduction aux études sur le genre**. Bruxelles: De Boeck, 2000.
- BROUGÈRE, Gilles (dir.). **La Ronde des jouets**. Paris: Autrement, 2009.
- BUCKINGHAM, David. Repenser l'enfant consommateur, nouvelles pratiques, nouveaux paradigmes. In: OCTOBRE, Sylvie; SIROTA, Régine (dir.). **L'enfant et ses cultures, approches internationales**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication/La Documentation Française, p. 78, 2013.
- BUISSON, Ferdinand; DURKHEIM, Émile. Enfance. In: BUISSON, Ferdinand (dir.). **Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire**, 1911. Disponível: <http://inrp.fr/edition-eletronique/lodel-dictionnaire-ferdinand-buisson> (consultado em 16 de abril 2019).
- CANCLINI, Nestor Garcia. Les enfants: entre la ville et le réseaux. In: OCTOBRE, Sylvie; SIROTA, Régine (dir.). **L'enfant et ses cultures, approches internationales**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication/La Documentation Française, p. 159-178, 2013.
- CARBEAU, Jean-Pierre (dir.). Nourrir de Plaisir. **Cahiers de l'OCHA**, n. 12, 2008.
- CHAMBOREDON, Jean-Claude; PRÉVOST, Jean. Le métier d'enfant. **Revue française de sociologie**, n. 3, 1973, p. 295-335. In: PASQUALI, Paul. **Jean-Claude Chamboredon. Jeunesse et classes sociales**. Paris: rue d'Ulm, 2015.
- COOK, Dan. La notion de 'culture' dans la culture de consommation des enfants. In: OCTOBRE, Sylvie; SIROTA, Régine (dir.). *L'enfant et ses cultures, approches internationales, op.cit.* CORSARO, William A. **The Sociology of Childhood**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.
- COULANGEON, Philippe. Classes sociales, pratiques culturelles et styles de vie. Le modèle de la distinction est-il obsolète? **Sociologie et sociétés**, vol. 36, n. 1, p. 59-85, 2004.
- CROMER, Sylvie; DAUPHIN, Sandrine; NAUDIER, Delphine (dir.). Les objets de l'enfance, **Cahiers du genre**, n. 49. 2, p.5-14, 2010.
- DE SINGLY, François (dir.). **Enfants, adultes. Vers une égalité de statuts?** Paris: Universalis, 2004.
- DE SOUREMAIN, Charles-Édouard; BONNET, Doris. L'enfant dans l'aide internationale. Tensions entre normes universelles et figures locales. **Autrepart**, n. 72, p.3-21, 2014.
- DÉCHAUX, Jean-Hugues. Le sacre de l'enfant, regards sur une passion contemporaine. **Revue Française de sociologie**, n. 3, vol. 55, p. 537-561, 2014.
- DIASIO, Nicoletta; HUBERT, Anne; PARDO, Véronique (dir.). Alimentations adolescentes en France. **Cahiers de l'OCHA**, n. 14, 2010.
- DIASIO, Nicoletta; VINEL, Virginie (dir.). **Corps de préadolescence**. Rennes: Presses Universitaires des Rennes, 2017.

DOLTO, Françoise. **Lorsque l'enfant paraît**. Paris: Seuil, 1977.

DUBET, François. **Le Déclin de l'institution**. Paris: Seuil, 2002.

DUPUY, Anne. La socialisation alimentaire de l'enfant: du désintérêt à sa conceptualisation en sociologie. In: HAMELIN-BRABANT, Louise; TURMEL, André (dir.). **Les figures de l'enfance d'hier à aujourd'hui. Continuité, discontinuité, rupture, traduction**. Québec: Presses interuniversitaires, p.333-348, 2012.

ESPING-ANDERSEN, Gösta; PALIER, Bruno. Enfants et Égalités des chances. Deuxième leçon. **Trois leçons sur l'État-providence**, Paris: Seuil, La République des idées, p.59-104, 2008.

GALAND, Olivier. Une nouvelle classe d'âge? **Ethnologie française**, n. 1, vol. 40, p.5-10, 2010.

GAUCHET, Marcel. L'enfant du désir. **Le Débat**, n. 132, L'enfant problème, p. 98-121, 2004.

GAVARINI, Laurence. **La passion de l'enfance**. Paris: Denoël, 2001.

GOJARD, Séverine. L'alimentation dans la prime enfance, un révélateur des modèles de l'enfance dans la France contemporaine. In: BONNET, Doris; ROLLET, Catherine; DE SUREMAIN, Charles-Édouard (dir.). **Modèles d'enfances successions, transformations, croisements**. Paris: Éditions des archives contemporaines, p.127-140, 2012.

GUTMAN, Marta; SMITH, Ning De Coninck (dir.). **Designing Modern Childhoods. History. Space and the Material Culture of Children**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2008.

HAECHT, Anne Van. L'enfance: terre inconnue du sociologue. **Bulletin de l'AISLF**, p.87-97, 1990.

JAMES, Allison; PROUT, Alan (dir.) **Constructing and Reconstructing Childhood**. Londres: Falmer Press, 1990.

JENKIS, Henri. **The Children's Culture Reader**. New York: University Press, 2005.

LAHIRE, Bernard. **L'Homme pluriel**. Paris: Fayard, 1998.

LANGNER, Myra Bluebond. **The Private Worlds of Dying Children**. Princeton: Princeton University Press, 1980.

LAUREAU, Annete. **Unequal Childhoods**. Berkeley: University of California Press, 2003.

LIVINGSTON, Sonia. From Family Television to Bedroom Culture: Young People's Media at Home. In: DEVEUREUX, Eoin (dir.). **Media Studies. Key Issues and Debates**. Londres: Sage, p. 302-321, 2007.

MARTHOT, Louis; DIASIO, Nicoletta. Rois, volcans et champs de bataille. Devenir enfant, devenir adulte au miroir des jeux avec la nourriture. In: BROUGÈRE, Gilles; VILLE, Inès de la (dir.). On ne joue pas avec la nourriture! Enfance, divertissement, jeu et alimentation: entre risques et plaisirs **Les Cahiers de l'OCHA**, n. 16, p. 111-121, 2012.

MAURICE, Aurélie. **L'Adolescent comme ressort de l'action publique sur les familles. L'exemple de l'éducation alimentaire**, thèse de doctorat, Université Paris Descartes, 2014.

METTON-GAYON, Céline. **Les adolescents, leur téléphone et internet**. Paris: L'Harmattan, 2009.

MITCHELL, Claudia A.; REID-WALSH, Jacqueline (dir.). **Girl Culture**. Londres: Greenwood Press, 2007.

MONTANDON, Cléopâtre. De l'étude de la socialisation des enfants à la sociologie de l'enfance: nécessité ou illusion épistémologique. In: SIROTA, Régine (dir.). **Éléments pour une sociologie de l'enfance**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006.

MONTANDON, Cléopâtre. **L'Éducation du point de vue des enfants**. Paris: L'Harmattan, 1997.

MONTANDON, Cléopâtre. La sociologie de l'enfance anglophone. **Éducation et sociétés**, n. 2, p. 91-118, 2018.

MONTMASSON, Doriane. **La Réception de la littérature de jeunesse pour les enfants. Une fenêtre ouverte sur le processus de socialisation**, thèse de doctorat, Université Paris Descartes, 2016.

OCTOBRE, Sylvie (dir.). **Enfance et Culture, transmission, appropriation et représentation**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication, 2010.

OCTOBRE, Sylvie. **Les Loisirs culturels de 6-14 ans**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication, 2004.

OCTOBRE, Sylvie; DÉTREZ, Christine; MERCKLÉ, Pierre; BERHOMMIER, Nathalie. **L'Enfance des Loisirs**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication, 2010.

OCTOBRE, Sylvie; SIROTA, Régine (dir.). **Enfance et cultures sur le regard de sciences sociales**. Actes du colloque internationale, 9^{es} journées de sociologie de l'enfance, Paris: Ministère de la Culture et de la Communication/Association Internationale des sociologues de langue française/Université Paris Descartes, 2011. Disponible: <http://culture.gouv.fr/Thematiques/Etudes-et-statistique/L-actualite-du-DEPS/Actes-du-colloque-Enfance-Culture-2010> (consultado 19 abril 2019).

OCTOBRE, Sylvie; SIROTA, Régine. L'enfance au prisme de la culture: approches internationales. In: OCTOBRE, Sylvie; SIROTA, Régine (dir.). **L'enfant et ses cultures, approches internationales**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication/La Documentation Française, p. 159-178, 2013.

PASQUIER, Dominique. **Cultures lycéennes. La tyrannie de la majorité**. Paris: Autrement, 2005.

PROST, Antoine. **L'École et la famille dans une société en mutation (1930-1980), t. IV: Histoire générale de l'enseignement et de l'éducation en France**. Paris: Nouvelle librairie de France/G.V. Labat, p. 39, 1981.

PROUT, Alain. **The Future of Childhood**. London: Routledge Falmer, 2005.

PUGH, Allison. Distinction, Boundaries or Bridges? Children, Inequality and the Uses of Consumer Culture. **Poetics**, vol. 39.1, p. 1-18, 2011.

QVORTRUP, Jens. Childhood as a social phenomenon revisited. In: DU BOYS-REYMOND, Manuela; SUENKER, Heinz; KRUEGER, Heinz-Hermann (dir.). **Childhood in Europe, Approaches Trends, Findings**, New York: Peter Lang, p. 13-34, 2001.

QVORTRUP, Jens; CORSARO, William A.; HONIG Michael S. **The Palgrave Handbook of Childhood Studies**. Londres: Palgrave Macmillan, 2009.

RENAULT, Alain. **La Libération des enfants. Contributions philosophiques à une histoire d'enfance**. Paris: Bayard, 2002.

SEGALEN, Martine. **A qui appartiennent les enfants?** Paris: Tallandier, 2010.

SERRES, Michel. **Petite Poucette**. Paris: Le pommier, 2012.

SIROTA, Régine (dir.). **Éléments pour une sociologie de l'enfance**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006.

SIROTA, Régine. De l'indifférence sociologique à la difficile reconnaissance de l'effervescence culturelle d'une classe d'âge. In: OCTOBRE, Sylvie; SIROTA, Régine (dir.). **L'enfant et ses cultures, approches internationales**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication/La Documentation Française, p. 159-178, 2013.

SIROTA, Régine. French Childhood Sociology: un unusual, minor topic or a well-defined field? In: BÜHLER-NIEDERBERG, Doris; SIROTA, Régine (dir.). Marginality and Voice, Children in Sociology and Society, **Current Sociology**, n. 58.2, p. 250-271, 2010.

SIROTA, Régine. L'émergence d'une sociologie de l'enfance, évolution de l'objet, évolution du regard. **Éducation et sociétés**, n. 2, 1998, p. 9-33.

SIROTA, Régine. L'enfant acteur ou sujet dans la sociologie de l'enfance: évolution des positions théoriques au travers du prisme de la socialisation. In: BERGONNIER-DUPUIS, Geneviève (dir.). **L'Enfant acteur ou sujet dans la famille**. Paris: Érés, 2005.

SIROTA, Régine. L'enfant dans la sociologie de l'éducation, un fantôme ressuscité? **Revue de l'institut de sociologie de l'Université libre de Bruxelles**, février, p. 147-163, 1996.

SIROTA, Régine. Les figures de l'enfance, de la sphère médiatique à la sphère scientifique. In: HAMELIN-BRABANT, Louise; TURMEL, André (dir.). **Les figures de l'enfance, un regard sociologique**. Québec: Presses Universitaires, 2012, p. 1-10.

SIROTA, Régine. Les métiers de l'enfant à l'âge d'internet, métier d'enfant, métier d'élève. In: ALMEIDA, Ana Nunes de (dir.). **Childhood, Children and the Internet. Challenges for the Digital Age**. Lisbonne: Fondation Calouste Gulbenkian, 2012, p. 139-156.

SIROTA, Régine. Positions et dispositions de la sociologie de l'enfance. Retour sur le processus de socialisation". In: DEPOILLY, Séverine; KAKPO, Séverine (dir.). **La différenciation sociale**

des enfants. Enquêter 'sur' et 'dans' les familles. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, p. 30-52, 2019.

SIROTA, Régine. Pour une sociologie de l'enfance. Petit objet insolite ou champ constitué, la sociologie de l'enfance est-elle encore dans le choux? In: SIROTA, Régine (dir.). **Éléments pour une sociologie de l'enfance.** Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006.

SIROTA, Régine. Sociologie de l'enfance, sociologie de l'éducation, va-et-vient. **Éducation et sociétés**, n. 40, spécial "Vingt ans après, la sociologie de l'éducation francophone dans un univers globalisé (1^a partie)", p. 105-121, 2017.

VELDE, Cécile Van de. *Sociologie des âges de la vie.* Paris: Armand Colin, 2015.

WRONG, Dennis H. The Oversocialized Conception of Man in Modern Sociology. **American Sociological Review**, n. 26, p. 183-193, 1961.

ZELIZER, Viviana. **Pricing the Priceless Child.** Princeton: Princeton University Press, 1985.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

A autora e tradutoras declaram não haver conflito de interesses com a presente publicação.

AUTORIZAÇÃO PARA TRADUÇÃO

02/06/2021

Re: tradução "Positions et dispositions de la sociologie de l'enfance"

Assunto **Re: traduction "Positions et dispositions de la sociologie de l'enfance"**

De <dpuv@univ-paris8.fr>

Para Regine Sirota <regine.sirota@parisdescartes.fr>

Cópia Ione Valle <ione.valle@ufsc.br>

Data 28.05.2021 05:23

Chère Madame,

Je vous prie d'excuser cette réponse tardive à votre message.

Vous avez notre autorisation de publier une traduction du chapitre " Positions et dispositions de la sociologie de l'enfance. Retour sur le processus de socialisation ", issu de l'ouvrage *La différenciation sociale des enfants* sous la direction de Séverine Depoilly et Severine Kapko, à condition que dans cette traduction soit fait mention de l'édition originale en français (référence complète).

Bien cordialement

Damien de Blic



Submetido: 16/05/2022

Aprovado: 26/05/2022